

**EXPRESSO
ZAHAR**



Um conto de fadas

A ROUPA NOVA DO IMPERADOR

Hans Christian Andersen



HANS CHRISTIAN
ANDERSEN

A roupa nova do
imperador

Tradução:
Maria Luiza X. de A. Borges



ZAHAR

SUMÁRIO

A roupa nova do imperador

Fonte

A roupa nova do imperador

HÁ MUITOS E MUITOS ANOS vivia um imperador que gostava tanto de roupas novas e bonitas que gastava todo o dinheiro que tinha com a sua elegância. Não tinha o menor interesse pelo exército, nem dava importância a ir ao teatro ou fazer passeios de carruagem pelo campo, a menos, é claro, que isso

lhe desse oportunidade para exibir roupas novas. Tinha trajes diferentes para cada hora do dia, e, assim como se costuma dizer que um rei está na sala do conselho, desse imperador o que sempre se dizia era: “No momento ele está no seu quarto de vestir.”

Não faltavam diversões na cidade onde o imperador morava. Estrangeiros estavam sempre chegando e partindo, e um dia lá chegaram dois vigaristas. Afirmaram ser tecelões e disseram saber como tecer o tecido mais deslumbrante que se podia imaginar. Não só as cores e os padrões que criavam eram extraordinariamente atraentes, como as roupas feitas com seus tecidos tinham também a característica singular de se

tornarem invisíveis a todos que eram inaptos para sua ocupação ou irremediavelmente burros.

“Mas que ótimo! Devem ser roupas maravilhosas”, pensou o imperador. “Se eu tivesse algumas dessas, poderia dizer quais funcionários não servem para seus cargos, e seria capaz também de distinguir os sensatos dos tolos. Sim, preciso mandar que teçam um pouco desse tecido para mim imediatamente.” E pagou aos vigaristas uma grande soma de dinheiro para que pusessem mãos à obra no mesmo instante.

Os vigaristas montaram um par de teares e fingiram estar trabalhando, embora não houvesse coisíssima

nenhuma nas máquinas. Astutamente, pediram a seda mais delicada e o mais fino fio de ouro, que prontamente guardaram em suas próprias bolsas. Depois trabalharam até altas horas com os teares vazios.

“Como os tecelões estarão se saindo com seu trabalho?” pensava o imperador com seus botões. Mas um detalhe estava começando a deixá-lo aflito: o fato de que toda pessoa estúpida ou inapta para seu cargo jamais seria capaz de ver o que estava sendo tecido. Não que ele tivesse qualquer temor a seu próprio respeito — sentia-se absolutamente confiante sob esses aspectos — mas, mesmo assim, talvez fosse melhor mandar alguém lá para ver como as

coisas estavam progredindo. Todos na cidade tinham ouvido falar do misterioso poder do tecido e estavam sôfregos para determinar a incompetência ou a burrice dos seus vizinhos.

“Vou mandar lá o meu eficiente primeiro-ministro”, pensou o imperador. “Ele é escolha óbvia para inspecionar a fazenda, pois tem bom senso de sobra e ninguém é mais qualificado para seu posto que ele.”

Assim lá foi o eficiente ministro para a oficina onde os dois vigaristas estavam trabalhando com todo afinco junto a seus teares vazios. “Que o Senhor me abençoe”, pensou o ministro,

os olhos esbugalhados. “A verdade é que não estou vendo patavina!” Mas teve o cuidado de não deixar isso transparecer.

Os dois vigaristas pediram que olhasse a fazenda mais de perto – não achava as cores e os padrões atraentes? Apontaram os caixilhos vazios, e, por mais que arregalasse os olhos, o pobre ministro não conseguiu ver nada, pois não havia nada ali. “Misericórdia!” pensou. “Será possível que eu seja um idiota? Nunca desconfiei disso e não posso admitir essa possibilidade. Será então que sou inadequado para o meu cargo? Não, não convém em absoluto confessar que não consigo enxergar o tecido.”

“Oh, mas é encantador! Tão lindamente elaborado!” disse o velho ministro, espiando por sobre os óculos. “Que padrão e que colorido! Comunicarei sem demora ao imperador o quanto ele me agrada.”

“Ah, nós lhe ficaremos muito agradecidos”, disseram os impostores, e descreveram tim-tim por tim-tim as cores e os extraordinários padrões. O velho ministro escutou atentamente para ser capaz de repetir todos os detalhes para o imperador – o que fez muito bem.

Os vigaristas pediram mais dinheiro, mais seda e mais fio de ouro, de que disseram precisar para continuar tecendo. Meteram tudo no bolso – nem

um fio foi posto no tear – e continuaram trabalhando com os caixilhos vazios.

Passado algum tempo o imperador mandou um segundo alto funcionário para ver como a tecelagem estava caminhando e saber se o tecido ficaria logo pronto. O que tinha acontecido com o primeiro-ministro também aconteceu com este. Por mais que olhasse, não conseguiu ver nada, já que ali não havia nada além de um tear vazio.

“Veja! Não é um trabalho primoroso?” perguntaram os vigaristas, apontando a beleza do padrão, que nem sequer existia.

“Sei que não sou burro”, pensou o homem. “Isto só pode querer dizer que não sou apto para a minha posição.

Algumas pessoas vão se divertir com isso, o melhor que eu faço é não demonstrar nada.” E assim elogiou o tecido que não podia enxergar e declarou-se maravilhado com suas nuances fascinantes e o belo padrão.

“Sim, é simplesmente maravilhoso”, disse ao imperador ao retornar.

O esplêndido tecido tornou-se o assunto da cidade. E agora o imperador queria vê-lo ele próprio, ainda no tear. Acompanhado de um grupo seletivo de pessoas, entre as quais os dois velhos funcionários que já tinham estado lá, saiu para ver o tear. Os dois astutos vigaristas estavam tecendo freneticamente sem usar um centímetro

de fio.

“Vejam, não é magnífico?” disseram os dois honrados funcionários. “Vossa Majestade por favor dê uma espiada! Que padrão esplêndido! Que cores gloriosas!” E apontavam o tear vazio, certos de que todos os outros eram capazes de ver a fazenda.

“Mas o que é isto?” pensou o imperador. “Não vejo coisa nenhuma! Isto é assustador. Serei um idiota? Serei incompetente para ser imperador? Essa é a pior coisa que podia me acontecer...”

“Oh, é simplesmente encantador!” disse aos outros. “Tem nossa mais benévola aprovação.” E sacudiu a cabeça com satisfação, enquanto

inspecionava o tear vazio. Nem lhe passava pela cabeça dizer que não estava vendo nada. Os cortesãos que o haviam acompanhado olhavam o mais atentamente que podiam, mas foram tão incapazes de ver alguma coisa quanto os outros. Apesar disso, todos repetiram exatamente o que o imperador dissera: “Oh, é simplesmente encantador!” Aconselharam-no a mandar fazer algumas roupas para si daquele esplêndido tecido novo e estreá-las na grande parada que estava prestes a se realizar. “Magnífico!”, “Maravilhoso!”, “Esplêndido!” foram as palavras pronunciadas. Todos estavam encantadíssimos com a tessitura. O

imperador outorgou o título de cavaleiro aos dois vigaristas e deu-lhes insígnias para usarem na lapela, juntamente com o título de “Tecelão Imperial”.

Na véspera da parada, os trapaceiros passaram a noite em claro, trabalhando, à luz de mais ou menos dezesseis velas. As pessoas puderam ver como estavam atarefados, terminando a roupa nova do imperador. Eles fingiram retirar o tecido do tear, deram tesouradas no ar com tesouras enormes e alinhavaram com agulhas sem linha. Por fim anunciaram: “A roupa do imperador está pronta!”

O imperador, com seus cortesãos mais eminentes, foi em pessoa até os tecelões. Os dois estenderam um braço, como se carregando alguma coisa, e

disseram. “Veja só estas calças! Aqui está o paletó! Este é o manto.” E assim por diante. “São todas leves como teias de aranha. A pessoa tem a impressão de não estar usando nada — esta é a virtude deste tecido delicado.”

“Realmente”, declararam os cortesãos. Mas não conseguiram ver nada, pois não havia absolutamente nada ali.



Arthur Rackham,
1911

“Bem, poderia Vossa Majestade Imperial ter a bondade de tirar a roupa?” perguntaram os vigaristas. “Então poderá experimentar suas novas roupas ali diante do espelho alto.”

Assim o imperador tirou as roupas que estava usando e os vigaristas fingiram lhe entregar cada uma das peças novas que afirmavam ter feito, e fingiram suspender alguma coisa... era a sua cauda. E o imperador virou-se e revirou-se diante do espelho.

“Céus! Que esplêndido, o imperador em suas roupas novas. Que caimento perfeito!” todos exclamaram. “Que corte! Que cores! Que traje suntuoso!”

O mestre de cerimônias chegou com

um aviso: “O baldaquim para a parada está preparado, à espera de Vossa Majestade.”

“Estou inteiramente pronto”, disse o imperador. “Como estas roupas me assentam bem!”, e deu uma última voltinha diante do espelho, pois precisava realmente fazer todos acreditarem que estava contemplando suas belas roupas.

Os camareiros que deviam segurar a cauda tatearam pelo chão como se a estivessem pegando. Ao andar, mantinham as mãos esticadas, não ousando deixar transparecer que não estavam vendo



nada.

O imperador
entrou na parada
sob o belo dossel e
olhou nas ruas e
nas janelas
disseram: — Que
roupa nova o
imperador é a mais
bela que ele
usou! Que coisa
maravilhosa! —
O
cristento perfeito!
Não achavam
que não havia
coisa nenhuma
para ver, porque

Arthur Rackham,
1925

isso teria
significado que
eram incapazes ou

muito burros. Nunca as roupas do imperador haviam causado tanta impressão.

“Mas o imperador está nu!” uma criancinha falou.

“Valha-me Deus! Você ouviu a voz daquela criança inocente?” exclamou o pai. E a observação da criança foi sendo cochichada de uma pessoa para outra.

“Na verdade ele não está vestindo nada! Há uma criança aqui que diz que ele está nu.”



Arthur Rackham, 1932

“Sim, ele não está vestindo nada!” o povo gritou finalmente. E o imperador se sentiu muito embaraçado, pois teve a impressão de que o povo estava certo. Mas, por uma razão ou por outra, pensou: “Agora tenho de levar isto até o fim, com parada e tudo.” E se empertigou ainda mais altivamente,

enquanto seus camareiros caminhavam atrás dele segurando uma cauda que não estava lá.



FORTE

A ROUPA NOVA DO IMPERADOR

H.C. Andersen, “Keiserens nye Klæder”, em *Eventyr, fortalte for Børn* (Copenhagen: C.A. Reitzel, 1837)

Copyright desta edição © 2010:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-
041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br

www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta
publicação, no todo

ou em parte, constitui violação de direitos
autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa

Capa: Rafael Nobre

Edição digital: outubro 2012

ISBN: 978-85-378-1005-7

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo**
Livros

**EXPRESSO
ZAHAR**



Um conto de fadas

A PRINCESA E A ERVILHA

Hans Christian Andersen

A princesa e a ervilha

Andersen, Hans Christian

9788537810040

4 páginas

[Compre agora e leia](#)

A tradução consagrada dos
Clássicos Zahar

Essa é a história de um príncipe que
viajou o mundo em busca de uma
princesa de verdade, mas não a

encontrou. Em um dia de tempestade, recebeu a visita de uma moça que se dizia princesa. Para ter certeza, a rainha escondeu uma ervilha embaixo de uma pilha de colchões, onde ela dormiria. Com sua pele extremamente sensível, a moça sentiu desconforto, e todos souberam que ela era uma princesa real.

O tom descontraído do texto redime traços que poderiam chocar valores modernos, como a insistência do príncipe em encontrar uma "verdadeira" princesa e a

identificação de nobreza com sensibilidade. Em contrapartida, Andersen mostra uma heroína ativa e enérgica, que enfrenta desafios e aparece na porta de um príncipe cuja pista foi capaz de seguir.

[Compre agora e leia](#)

**EXPRESSO
ZAHAR**



Um conto de fadas

CHAPEUZINHO VERMELHO

Charles Perrault

Chapeuzinho vermelho

Perrault, Charles

9788537809969

8 páginas

[Compre agora e leia](#)

A tradução consagrada dos
Clássicos Zahar

Esta versão de Charles Perrault é
uma versão literária da história

amplamente disseminada de diferentes formas pela cultura oral. Chapeuzinho tem esse apelido por causa de um lindo capuz vermelho que sua mãe lhe dera. A menina leva bolinhos para sua avó do outro lado da aldeia, quando encontra com um lobo que pergunta onde ela está indo. Ao contar ao lobo o seu caminho, Chapeuzinho define seu destino: o lobo se adianta em chegar à casa da avó e a devora. O lobo se disfarça de vovó e aguarda pela chegada de Chapeuzinho...

Compre agora e leia

**EXPRESSO
ZAHAR**



Uma tragédia grega

ÉDIPO EM COLONO

Sófocles

Édipo em Colono

Sófocles

9788537809822

100 páginas

[Compre agora e leia](#)

Consagrada tradução do
especialista em grego, Mário da
Gama Kury

Os antecedentes do Édipo em
Colono estão em grande parte no

Édipo Rei. Depois de cegar-se perfurando os olhos ao descobrir a enormidade de sua desgraça, Édipo continuou a viver em Tebas, onde Etéocles e Polinices, seus filhos, disputavam o trono da cidade. Absorvidos por suas ambições, os dois mostraram-se insensíveis em relação ao imenso infortúnio do pai, que por causa disso os amaldiçoou. Revoltados, Etéocles e Polinices expulsaram Édipo de Tebas. Após perambular pela Grécia como mendigo, guiado por sua filha Antígona, Édipo chega afinal às

imediações de um bosque em Colono, localidade próxima a Atenas, onde cumpre a profecia de ser tragado pela terra, segundo um oráculo.

[Compre agora e leia](#)

EXPRESSO
ZAHAR



Uma tragédia grega

ÉDIPO REI

Sófocles

Édipo rei

Sófocles

9788537809815

86 páginas

[Compre agora e leia](#)

A consagrada tradução do
especialista em grego, Mário da
Gama Kury

Édipo, rei de Tebas, acredita ser
filho do rei Pôlibo de Corinto e de

sua rainha. Ele havia se tornado governante de Tebas depois de salvar a cidade desvendando o enigma da Esfinge que vinha devorando os tebanos, incapazes de decifrar os enigmas propostos pelo monstro. Como Laio, o rei de Tebas havia sido morto durante uma viagem, Édipo casa-se com a rainha viúva, Jocasta, e assume a coroa. Édipo havia deixado Corinto para sempre porque um oráculo profetizou que ele mataria seu próprio pai e se casaria com sua mãe. Na viagem de Corinto para

Tebas, Édipo encontra um homem velho e cinco servos. Sem saber que se trata de Laio, seu verdadeiro pai, Édipo discute com ele e, num ataque de arrogância, mata o homem e seus servos. Por muitos anos Édipo governa Tebas como um grande e valente rei. Até que uma peste começa a dizimar os habitantes da cidade e Édipo ordena uma consulta ao oráculo Tirésias. Tirésias lhe revela então que todo infortúnio que se abate sobre a cidade é causado por ele próprio,

por ter assassinado o pai e casado com a própria mãe.

[Compre agora e leia](#)

EXPRESSO
ZAHAR



Uma tragédia grega

ELECTRA

Sófocles

Electra

Sófocles

9788537809884

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

A consagrada tradução do
especialista em grego, Mário da
Gama Kury

O enredo dessa tragédia segue
Orestes em seu retorno a Micenas

para matar a mãe, Clitemnestra e seu amante Egisto como vingança pelo assassinato de seu pai, Agamêmnon. Na peça, entretanto, o foco principal é a irmã de Orestes, Electra e sua angustiada participação nos planos do irmão. Para conseguir entrar no palácio e poder executar sua vingança Orestes espalha a falsa notícia de sua morte. Acreditando no boato que ouve, Electra tenta, sem sucesso, aliciar a irmã Crisôtemis para assassinar a mãe. Numa cena dramática, Orestes chega

disfarçado e entrega a Electra a urna que deveria conter suas próprias cinzas. Movido pela demonstração de pesar da irmã, Orestes revela sua verdadeira identidade a Electra e mata, sem piedade, sua mãe e o amante dela.

[Compre agora e leia](#)